

Reconfigurando o meio ambiente. Reflexões sobre migrações e disputas ambientais na ilha de santa Catarina¹

Alex Vailati

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Matias Godio

UNIVERSIDAD NACIONAL DE TRES DE FEBRERO

ABSTRACT

Since the eighties, Santa Catarina Island has become a tourist and housing destination for many Brazilians and foreigners, usually people with high cultural or economic capital. The analysis of the dynamics between transformations that "come from outside" and the local reception of them allows, as well as reflecting on these social transformations, to grasp invention's processes at the local level, of categories such as environmentalism, sustainability. Moreover, it underlines the role of migrants in this specific space-time and their territoriality in contexts of cultural hybridization.

Keywords: Migrations, environmentalism, visual, Florianópolis, Brazil.

A Ilha de Santa Catarina, a partir dos anos oitenta, começou a ser destino turístico e de moradia para muitos brasileiros e estrangeiros, normalmente pessoas com elevado capital cultural ou econômico. A análise da dinâmica entre transformações que "chegam de fora" e a recepção local deles permite de abordar os processos de invenção no nível local, de categorias como o ambientalismo, a sustentabilidade e o papel dos migrantes neste espaço-temporal específico e sua territorialidade em contextos de hibridação cultural.

Palavras chave: migrações, ambientalismo, visual, Florianópolis, Brasil.

¹ Este artigo é resultado de uma pesquisa financiada por bolsas de pós-doutorado MEC-REUNI e sucessivamente CAPES

Introdução

Historicamente, o Brasil é um dos espaços geográficos exemplares quanto ao efeito das migrações. Na época pré-colonial, muitos estudos evidenciaram como a circulação de povos indígenas nas regiões sul-americanas foi uma das causas fundamentais de complexificação dos ecossistemas. A circulação de pessoas levou, com o trânsito de espécies animais ou sementes, à constituição de ecologias onde a convivência de elevados graus de diferença, sejam culturais ou biológicas, foi dificilmente igualável na história do planeta terra. Passando pela época colonial, através de processos históricos violentos, que encontra no tráfico negreiro um dos momentos mais obscuros da história das migrações, hoje em dia o Brasil continua sendo um espaço onde a circulação de pessoas tem um papel fundamental. Desde os anos cinquenta, muitos estudos focaram sobre as migrações internas, em particular entre mundo rural e urbano (Candido, 1964; Durham, 1973; Scott, 2014).

Nos últimos vinte anos, o Brasil assumiu duplo papel na arena internacional das migrações. Por um lado, a circulação de brasileiros no exterior, geralmente migrantes com um bom capital social e econômico (Assis, 2004; Feldman Bianco, 2009; Vailati, Rial: 2016), tornou-se muito comum em várias nações europeias, norte-americanas e mais recentemente sul-americanas. Esse fenômeno já tinha acontecido no passado, por exemplo, em relação às viagens de formação (Velho, 1998), mas com o crescimento econômico brasileiro dos últimos vinte anos, esses movimentos tornaram-se mais relevantes. Por outro lado, o Brasil voltou a ser um destino de migrantes estrangeiros, em muitos casos profissionais ou empreendedores que se estabeleceram nos litorais e nos grandes e médios centros urbanos brasileiros. Esses percursos muitas vezes são construídos em torno de narrações que evidenciam uma “necessidade econômica”, fator que nos estudos sobre as migrações é ainda hoje pensado como a primeira causa da migração (Arango, 2000; Castles, 2000). Todavia, as motivações de uma migração são sempre mais complexas e vão geralmente além de uma necessidade econômica.

Neste artigo serão analisadas as migrações em um contexto localizado no sul do Brasil, na Ilha de Santa Catarina, que hospeda Florianópolis, a capital do estado que tem o mesmo nome da ilha. A partir da década de '70, e com o fortalecimento da Universidade Federal de Santa Catarina, muitos migrantes com instrução superior chegaram à ilha. Sucessivamente, a partir dos anos oitenta, Florianópolis começou a ser destino turístico e de moradia para muitos brasileiros e estrangeiros, normalmente pessoas com elevado capital cultural ou econômico. A presença desses novos moradores estimulou notavelmente certas transformações sociais, introduzindo novos objetos simbólicos. Nesse período,

situado temporalmente na época da Ditadura, entre 1964 e 1985, alguns desses “migrantes” participaram ativamente em processos sociais de forte relevância política e cultural. Serão considerados aqui trajetórias de engajamento político de pessoas que utilizaram o próprio capital cultural em conjunção direta com a participação política.

Como constataremos, estas trajetórias tiveram um relevante papel na ressignificação da categoria de meio ambiente, que num contexto como Florianópolis tem um papel fundamental devido à importância econômica de um turismo sustentado pelo imaginário que retrata a cidade como um “paraíso natural”. O artigo analisa três casos etnográficos localizados em bairros da cidade que, com a expansão do turismo tiveram enormes transformações. Esses territórios encontram-se dramaticamente atravessados pela tripla tensão entre os interesses do Estado, das economias e das expectativas dos atores sociais que os habitam. As utopias tradicionalistas, sintetizadas na categoria de “comunidade de pescadores”, muitas vezes utilizadas para descrever estes bairros, foi explicitada com a instauração sessentista dos centros comunitários e das associações de pescadores e chocou com a noção de “sociedade” que inclui as novas trajetórias pessoais e grupais.

A presença dos migrantes, como iremos ver, reconfigurou as estruturas que configuram o a categoria de meio ambiente, através de processos muito heterogêneos, nos quais, dinâmicas conflituais e opositivas forma marcantes seja para estes sujeitos migrantes mas, em particular, para os antigos moradores. A análise da dinâmica entre transformações que “chegam de fora” e a sua recepção local permitem, além de refletir sobre essas transformações sociais, abordar os processos de invenção (Wagner, 1981) de categorias em nível local como o ambientalismo e a sustentabilidade, e o papel dos migrantes nesse espaço-temporal específico e sua territorialidade.

O território é uma construção social constituída por relações de poder que incluem lutas e conflitos pelos sentidos culturais e, portanto, supõe práticas espaciais e temporais múltiplas (Harvey, 1998, p. 250). Essas relações de poder – tanto materiais como simbólicas – resultam, do ponto de vista das migrações, na produção de espaços e de temporalidades ancoradas no encontro de imaginários, experiências e percepções de sujeitos, grupos e classes sociais. Trata-se de processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização de sujeitos e significações materiais e imateriais (Deleuze, Guattari, 1981). Neste sentido, a ação se situa sobre um território coletivo que está sempre como algo a ser produzido, apropriado e transformado.

As trajetórias dessas pessoas que visam, como veremos, habitar (Ingold, 2000) esses territórios simbólicos e matérias exprimem as proposições e as práticas do processo de configuração política e cultural da ilha das últimas

décadas. Neste sentido, o foco principal deste artigo se torna a migração como espaço de contato, ou de fronteira (Barth, 1969), e como este espaço é fundamental para reprodução simbólica do contexto interessado.

Os Nativos da Lagoa

Transitando entre vários campos geográficos de pesquisa, é interessante observar como o tema das migrações está presente na vida quotidiana da Ilha de Santa Catarina. Talvez conectada com outros significados, a migração chega a ser a chave imprescindível na experiência e na interpretação nativa das transformações sociais e territoriais. No imaginário da ilha, o assunto da tradição se encontra particularmente destacado. Muitas dimensões da história local foram construídas sobre a categoria identitária da “açorianidade” e sobre a relação com a vivência do mar (Coelho De Souza Lago, 1996; Lacerda, 2003; Gimeno, 1992; Rial, 1988; Rial & Godio, 2006). Os habitantes, na vida quotidiana, se definem emicamente como “nativos”, e isso parece uma construção muito influente na vida social: seja no nível social, para diferenciar os nativos dos turistas ou do “pessoal de fora”, seja no nível simbólico, para preservar o que é “verdadeiramente” considerado como patrimônio da Ilha.

Originalmente habitada pelos índios tupis-guaranis, na Ilha de Santa Catarina a história *événementielle* começa com a sua “descoberta” pelos espanhóis e com a conseguinte imigração de habitantes dos Açores em meados do século XVIII. A história da identidade açoriana na Ilha de Santa Catarina parece muito influenciada por aquilo que John Marshall (2009) define com o termo “mito”. A ressignificação do açorianismo, como é demonstrada na análise feita por Lacerda (2003, p. 84-124), literalmente transformou a percepção dos antigos habitantes da Ilha. Apenas cem anos atrás eles eram descritos como “praianos indolentes” que precisavam de uma “higienização” no sentido foucaultiano. Porém, no último século o açorianismo mudou primariamente no “recurso contra o avanço das religiões afro-brasileiras” e depois contra o “perigo alemão” ligado à nova imigração de europeus no Estado de Santa Catarina, para depois chegar ao presente, que começa com a modernização da cidade e o desenvolvimento do turismo, tempo em que a açorianidade foi reutilizada como recurso para construir uma nova imagem da Ilha. Imagem que associava, na mesma paisagem, as atividades dos “nativos” como a de uma “natureza” exuberante e virgem. Esses tipos de processos históricos podem ser considerados “invenções etnogênicas” de uma tradição geralmente edificada em jogos de oposição complementares (Sahlins, 2006).

Os imigrantes açorianos, a partir da metade do século XVIII, desenvolveram uma economia mista, baseada em unidades de produção

domésticas orientadas à pesca e à agricultura. Esse tipo de economia foi mantido com poucas transformações até a criação de conexões com o continente e o desenvolvimento da infraestrutura da cidade de Florianópolis, a qual integra a totalidade da ilha e uma região continental. O complexo da chamada Bacia da Lagoa da Conceição, analisado neste artigo, se localiza na parte central da ilha e é um conjunto de bairros que rodeiam a sua maior lagoa.

É possível dividir a lagoa em três áreas principais: a Lagoa de Baixo, a parte mais urbanizada onde se encontra o Centrinho da Lagoa; a Lagoa do Meio onde está situado o canal que liga a Bacia com o mar; e a Lagoa de Cima, onde está a maior presença de áreas de preservação ambiental. Às margens da Lagoa de Cima se encontram os bairros da Costa e da Barra da Lagoa. A Lagoa é um complexo ecossistêmico muito delicado. Antigamente era um espaço econômico relevante pela pesca de siri, camarão e várias espécies de peixe; hoje em dia, num processo que se iniciou na década de 1970, tornou-se prevalentemente um destino privilegiado para moradia e para turismo. O declínio da pesca na Bacia da Lagoa começa, na memória dos nativos, nos anos oitenta: o aumento dos moradores com a conseqüente maior atividade pesqueira e a poluição ligada aos esgotos não tratados são as duas causas mais relevantes. A abertura definitiva do canal da Barra, em 1982, foi o evento que mudou mais radicalmente a dinâmica da reprodução do peixe e dos moluscos (Pereira Barbosa, 2003, p. 25). Se anteriormente o canal fechava sazonalmente a lagoa, a sua abertura definitiva mudou o ecossistema onde antigamente peixes e moluscos ficavam presos, dificultando a sua reprodução. Essa transformação ecológica, ligada à subordinação da preservação da natureza a questões econômicas e desenvolvimentistas, é reflexo de uma trajetória social que podemos encontrar em quase toda a Ilha de Santa Catarina. Se a pesca definida como artesanal, desde séculos praticada na Ilha, é implicitamente voltada à gestão da reprodução do peixe, a continuidade desta consciência de conservação do meio ambiente, que hoje em dia na retórica global é chamada de ambientalista, foi preservada e significada através da interação e colaboração entre intelectuais “de fora” e nativos.

A Circulação de Nativos

Como já vimos, nos últimos vinte anos, a Bacia da Lagoa teve um aumento visível da presença de “pessoal de fora”. Essa dinâmica de atração de novos moradores se desenvolveu em conjunto com uma circulação regional, de vasta escala, dos “nativos”. Neste sentido as categorias opositivas de “nativo” e “de fora”, muitas vezes descritas em termos opositivos na literatura que analisa as transformações do meio ambiente, são aqui consideradas em

complexidade. Os processos de produção simbólica são consequências da transformação da infraestrutura (Xiang, Lindquist, 2014), a qual permite a circulação de pessoas e a ação, claramente diferenciadas, dos vários sujeitos que são parte dessas redes.

Do ponto de vista político ou macropolítico, duas transformações estruturais tiveram amplas consequências na sociedade local. Em primeiro lugar, a criação, em âmbito federal, de uma indústria pesqueira que afetou o mercado do peixe no local ao mesmo tempo em que gerou condições para o processo de migração e integração dos pescadores em portos importantes do Brasil. Em segundo lugar, a já mencionada valorização da “paisagem natural” da Ilha de Santa Catarina como destino turístico nacional e internacional.

Na década de sessenta, “o governo brasileiro decidiu implantar uma indústria pesqueira em base empresarial, através de incentivos fiscais concedidos pela recém-criada Superintendência do Desenvolvimento da Pesca” (Diegues, 1999, p. 361). Esse foi o primeiro passo em direção a uma transformação da estrutura produtiva nos contextos de pesca artesanal. O percurso de vida dos pescadores que moravam na Lagoa, nesse momento, mudou radicalmente. Se antes a pesca era uma atividade produtiva autônoma, fortemente ligada ao contexto local, depois, o pescador foi direcionado para um processo de proletarização, inicialmente, por meio de migrações para os principais portos pesqueiros. Usualmente, com a “maturidade produtiva”, os jovens homens migravam para os centros de pesca situados na costa brasileira. Tratava-se de uma migração sazonal, geralmente para os portos de Rio Grande, Itajaí, Rio de Janeiro ou Santos, mas com temporadas migratórias muito extensas, de até vários anos. Assim, o pescador transforma-se em trabalhador da pesca, assalariado, sujeito a um regime produtivo completamente diferente daquilo que ele experimentou no seu passado, especialmente baseado na, assim chamada, pesca “de rede” ou “de praia”. Geralmente sujeito a longas migrações sazonais, o “novo pescador” trabalha para indústrias pesqueiras de média ou grande dimensão.

Quando muitos desses pescadores voltaram definitivamente à ilha, trouxeram um certo capital econômico capaz de gerar unidades produtivas de pesca. No final da década de '70 começou a pesca com os chamados “botes a motor”, tal qual acontece hoje em dia em muitas das praias e comunidades de pescadores de Santa Catarina. As narrativas dos trajetos migratórios de uma boa parte deles indicam claramente que esse fenômeno de introdução de botes a motor foi muito regular e estruturante das transformações das comunidades de pescadores (Godio, 2012). Como também explicitara Diegues (1983, 1999), a aparição dos botes a motor instituiu uma nova formação de trabalhadores da pesca, organizada em unidades de produção independentes com forte

participação do grupo doméstico, mas que também atualizava aspectos do modelo de camaradagem típico da pesca de praia. Porém, nesse processo, os recursos da pesca deixaram de ser um bem da comunidade para ser um produto para o mercado, entrando cada vez mais em colisão e conflito com as questões vinculadas à preservação do meio ambiente e se aproximando das problemáticas da indústria. Se no passado o objetivo dele era a subsistência do agregado doméstico, agora é a acumulação de recursos necessários para o acesso aos novos bens de consumo. Interessante aqui mencionar como os pescadores mais idosos motivam hoje essa migração. As palavras maiormente utilizadas se referem à vontade de construir casas ou dar uma melhor “educação” aos filhos, de modo que eles não sejam “obrigados a pescar” para se sustentar.

Transito a costa da Lagoa

Um segundo processo, muito influente na transformação social, aconteceu no Brasil no início dos anos oitenta, especialmente no litoral. Nesse período, a Lagoa da Conceição se torna um destino turístico, em particular para estrangeiros do Cone Sul. A maioria deles são turistas, como no caso da Barra da Lagoa (Rial, Godio: 2006), ou novos residentes, como aconteceu com muita força na Lagoa (Rial, 1988), ou em dimensão muito menor na Costa (Gimeno, 1992). Esse processo comportou uma dupla transformação que se articulou tanto no plano econômico quanto no simbólico. Do ponto de vista econômico a introdução do turismo causou um amplo influxo de capital nos contextos locais. Acontece aqui uma mudança nas comunidades que se territorializam cada vez mais em torno das atividades de provedores de serviços para os turistas. Novamente, tal como acontecia quando a agricultura era a principal atividade de subsistência, a pesca torna-se uma atividade praticada como segunda fonte de renda, em particular nas baixas temporadas, como acontece com a “safra da tainha”². Se algumas consequências foram problemáticas, como a introdução de capital exógeno no contexto local, podemos também evidenciar como o turismo, além de ser uma atividade econômica, cria um espaço de encontro importante. Fluxos de pessoas chegam agora a lugares que no passado eram geralmente de difícil acesso.

Para introduzir essa temática, é útil uma rápida descrição do caso da Costa da Lagoa. Este é um contexto rural colocado na Lagoa de Cima. Também hoje é percebido como um dos lugares mais “afastados” do centro urbano da Ilha. A causa principal dessa percepção é a ausência de uma estrada que ligue esse local ao Centrinho da Lagoa. O meio de transporte mais utilizado é o barco ou uma

² O apelido “Catarinas”, que significa catarinenses, era utilizado em vários contextos pesqueiros do Rio Grande do Sul, para onde muitos pescadores, nativos de Florianópolis, emigravam.

trilha pela qual se leva cerca de uma hora e meia a pé. Essa situação é resultado de um conjunto de causas. Desde a década de setenta vários “estrangeiros”³, funcionários públicos, professores e “outros personagens do mundo urbano” (Gimeno, 1992, p. 105) escolheram a Costa da Lagoa como lugar de moradia. A motivação era ligada ao baixo custo dos imóveis e dos alugueis naquela região, mas sobretudo ao estilo de vida que o lugar permitia. A ausência de carros e o contato com a lagoa e a “natureza” eram fatores colocados como prioritários por pessoas que muitas vezes chegavam de violentos e conflitivos centros urbanos. Em 1988 aconteceram as primeiras eleições da recém-nascida Associação de Moradores. A polarização das duas chapas, uma ligada aos cabos eleitorais nativos e a outra suportada pelos “estrangeiros”, aconteceu sobre a proposta da construção de uma estrada. Aqui é interessante destacar como, pela primeira vez, os “estrangeiros” levaram um discurso ligado à preservação ambiental e ao desenvolvimento autossustentado da Costa, que, todavia, foi “mal assimilado pelos membros da própria chapa” (Gimeno, 1992: 107). Claramente essa dificuldade de assimilação era ligada ao etnoconhecimento local, que não incorporava ainda essa ideia heteronômica de “preservação”. Todavia, esse projeto se firmou e, por meio de uma votação direta, foi escolhida essa chapa, deixando de lado o projeto de construção da estrada. As consequências foram várias. Relevante foi a transformação fortemente criativa das atividades econômicas na Costa. Em continuidade, com o declínio da atividade pesqueira, esse processo conduziu à criação de duas cooperativas de barqueiros, com a finalidade de garantir transporte público para os moradores e levar turistas à Costa. Em paralelo, foi desenvolvida uma atividade turística baseada na gestão familiar de restaurantes, que processa o peixe coletado na pesca de pequena escala. Enfim, a ausência de uma estrada preservou a Costa do avanço da especulação imobiliária, consequência extremamente atípica no contexto da Ilha de Santa Catarina.

Tratou-se de uma micropolítica da “invenção etnogênica” (Sahlins 2006), que supõe, de um lado, a possibilidade de que os atores tenham espaço simbólico para interpretar determinados acontecimentos que podemos chamar de “conflitos de fundação”, e do outro, a formalização das diversas oposições entre uma identidade projetada e uma “verdadeira”. A lagoa, territorializada como espaço de harmonia entre natureza e cultura, criou temporalmente equivalências nas formas de condução, na legitimidade da autoridade e nos valores investidos como conteúdo de habilidades de pessoas e grupos formalmente distintos, e, de certa forma, criou uma historicidade vigorosamente

³ A maioria deles/as eram brasileiros/as. “Estrangeiros” é um termo êmico utilizado para definir o “pessoal de fora” na Costa. Isso não se refere à nacionalidade, mas a não ser parte da rede social, baseada nas relações familiares que compõem a estrutura social e política da Costa da Lagoa.

estruturada em “oposições complementares” (Sahlins, 2006, p. 40). Notavelmente, muitas pessoas que participaram desses fatos reportam como a vontade preservacionista dos antigos moradores da Costa, que foi ressignificada pelas pessoas migradas para a Costa. O discurso utilizado hoje em dia neste local, como em toda a bacia da Lagoa da Conceição, é fortemente influenciado pela retórica do ambientalismo contemporâneo confrontado aos acontecimentos concretos em que vivia a ilha. Através da contingência desses acontecimentos se verificou uma “ampliação estrutural significativa das relações interpessoais” (Sahlins, 2006, p. 158). Sem analisar aqui as consequências – positivas e negativas – dessa adoção, podemos evidenciar como isso é resultado de práticas muito antigas de gestão ambiental, ressignificadas pela inserção em instituições políticas e sua ligação a uma retórica global, que aconteceu nas últimas décadas, prevalentemente, com a chegada de “estrangeiros”.

Transito II. O Centrinho da Lagoa

A categoria de ambientalismo é fundamental para entender o lugar onde a presença do “pessoal de fora” é maior, o assim chamado centrinho da Lagoa. Este é considerado, por muitos moradores, como um polo de serviços pelos bairros adjacentes como a Costa e a Barra. Em muitas falas dos “nativos” nós podemos encontrar a dicotomia “centro”, para definir a Lagoa, e “bairro” para definir a Costa, sendo a Barra uma unidade político-econômica que interatua com ambas. Não obstante, esses locais ainda mantêm fortes continuidades socioculturais entre eles, as diferenças são marcantes. Sem dúvida, o assim chamado “Centrinho da Lagoa” é o espaço mais urbanizado da bacia da Lagoa, percebido como o lugar mais conectado, sob o ponto de vista infraestrutural e da mobilidade urbana, com os bairros mais centrais da cidade.

A diferença substancial entre o Centrinho e os outros bairros aqui analisados é consequência do processo de chegada de pessoas que moravam no centro da cidade e que antigamente hospedavam as aristocracias locais. Famílias ricas encontraram nesta região um lugar mais perto das praias oceânicas. A criação, em 1969, do Lagoa Iate Clube (LIC), cujo prédio principal foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e inaugurado em 1975, foi um importante marco simbólico que elevou o Centrinho da Lagoa a uma região de segunda residência dos habitantes mais abastados da cidade. Desde esse momento começou um processo que colocou o Centrinho da Lagoa como um cruzamento entre cidade, praias e outros bairros, e onde a vida dos antigos moradores foi modificada pela presença do “pessoal de fora”. Como reporta Rial (1988), nas décadas sucessivas a vida econômica se transformou, passando de uma quase total autonomia

produtiva a uma dependência ao trabalho assalariado, seja no centro da cidade, seja como prestador de obras nas casas dos mais ricos.

Esses processos chegam até a época atual, onde o Centrinho é um lugar urbanizado e fortemente heteronômico. A presença de “pessoal de fora” virou um marco característico desse lugar. Todavia, a contemporânea circulação de migrantes é aqui metabolizada e incorporada em um papel de “observador”, onde o limite da participação – ou da ação – nas questões sociopolíticas locais, tem que ser bem estabelecido. Relação que, além das vivências pessoais, como reportam muitas pessoas que interagiram com esta pesquisa, resulta mais marcada ainda pelas dificuldades dos “estrangeiros” de se localizar em espaços políticos locais relevantes.

Na atualidade, longe dessas lutas de territorialização cultural encarnada por muitos “forasteiros” politicamente engajados, as novas necessidades de criar espaços de sociabilidade paralelos à vida dos nativos acabam sendo visivelmente representadas em termos heteronômicos. Os exemplos mais recentes são a criação de espaços para “trucks food” ou “coworking”. Esses territórios urbanos, vistos com uma lente interpretativa baseada na etnografia, reificam e atualizam em torno de negócios econômicos, uma separação radical entre “nativos”, incorporados a uma circulação monetária produto da oferta de investimentos, porém cada vez mais excluídos desses espaços, e o “pessoal de fora”, os quais muitas vezes não têm conhecimento êmico da vida social, impondo novos modelos de sociabilidade.

É aqui que podemos encontrar um ponto fundamental relativo às migrações dos ricos. Em um contexto como o centrinho, as relações se estruturam em simbiose com os recém-chegados. Os nativos conseguem adquirir certo poder econômico, percebido como parâmetro importante para a afirmação pessoal, pela venda de terrenos e imóveis, ou pela entrada na área das atividades econômicas voltadas aos novos moradores ou turistas. Neste sentido, seja em uma perspectiva local como global, os migrantes são “parte do processo de transformação destas estruturas sociais e das instituições, que surgem através das mudanças nas relações políticas, econômicas e sociais a nível global” (Castles 2010, p. 1566). Esses processos são constituintes do espaço da Lagoa, que tem a particularidade de montar-se sobre o antigo discurso ambientalista, o mais relevante fio condutor das relações entre continuidades e mudanças.

A Lagoa, como já vimos, é um ecossistema muito complexo e delicado, que sofre, em particular desde os anos noventa, de uma contínua degradação ligada principalmente ao problema do aumento da população residente e a falta de saneamento básico. Recentemente, nos últimos dois anos, o discurso ambientalista foi utilizado para justificar ações políticas ambíguas. Em particular uma ação do Ministério do Meio Ambiente contra a prefeitura de Florianópolis

teve a consequência de propor a desocupação e a destruição de qualquer construção que se encontra na faixa dos trinta metros da lagoa. Além de ser um projeto político irrealizável porque comportaria a destruição de bairros inteiros, entre os quais está a Costa da Lagoa, a proposta é claramente incongruente com as políticas de expropriação do meio ambiente, praticadas nos últimos quinze anos pelos poderes econômicos e políticos locais. Todavia, encontra-se entre muitos migrantes com elevado capital cultural, uma implícita aprovação desse projeto “ambientalista”, em contraposição à maioria dos nativos. Nesta dinâmica, que foi de fato muito conflitiva, encontramos novamente uma ideia heteronômica de gestão do meio ambiente que, todavia, neste caso, depois de ser naturalizada, é aplicada como ferramenta neoliberal para permitir novas dinâmicas de exploração.

Transito III. A Barra da Lagoa

Atravessando a lagoa de barco, podemos chegar à Barra, um outro contexto que apresenta processos relevantes em relação à presença do “pessoal de fora”. A Barra da Lagoa é também particularmente interessante porque, no âmbito econômico, continua parcialmente ligada à atividade pesqueira voltada ao mercado. A já descrita abertura definitiva do canal da Barra, com a construção de um molhe, estimulou um investimento local na pesca definida como artesanal. Esse foi um evento contemporâneo à chegada dos assim chamados pelos nativos “argentinos com a mochila”. Não só argentinos, mas também catarinenses e habitantes de outros estados brasileiros, gaúchos e paulistas chegavam nos anos oitenta na Barra e, em muitos casos, decidiam se estabelecer ali. Geralmente com um grau superior de educação, alguns desses migrantes, como os que ficaram na Costa da Lagoa, deram uma forte contribuição para a transformação local. Entrevistas com moradores reportam como muitos professores da escola, por exemplo, decidiram se estabelecer na Barra da Lagoa, para aí trabalhar e ensinar.

Entre eles, um dos casos mais emblemático é o do Vilson Steffen, conhecido na Barra da Lagoa como o “professor Neto”. Ele teve um papel fundamental, para além da sua atividade na educação institucional, na vida sociocultural da Barra da Lagoa. A história dele foi objeto de pesquisa pelos autores deste artigo e culminou com a realização de um documentário (Godio, Vailati, 2014, Vailati, 2016). Do ponto de vista metodológico, o audiovisual foi aqui uma plataforma para a criação de uma narração sobre a vida de uma pessoa em forma polifônica e compartilhada. A utilização desta estratégia produtiva, ligada diretamente ao envolvimento dos atores que interagiram com o protagonista, permitiu evidenciar uma rede de laços entre os atores, em que se

destaca a centralidade do debate entre quem pode se autodefinir “nativo” e, conseqüentemente, ter ação no contexto local. Todavia, Wilson Steffen implicitamente se torna um ator que nos mostra as complexidades dessas redes. Ele é “de fora”, nasceu no interior do Estado de Santa Catarina, na década de 1950, decidindo se estabelecer em Florianópolis para estudar Sociologia na Universidade Federal de Santa Catarina no final da década de setenta. Morou na Barra da Lagoa, onde atuou, entre o fim dos anos setenta e a metade dos anos noventa, como professor na escola fundamental.

Como nos casos precedentes, a categoria de meio ambiente se torna aqui um dos campos mais relevantes em relação às práticas que territorializam os sujeitos. No caso do professor Neto, se entrelaça com a ideia de educação. Cabe novamente destacar como, a partir dos anos noventa, educação e preservação do meio ambiente constituem, na área política brasileira, um binômio praticamente indissociável. A pesquisa de campo relacionada à produção do documentário nos permitiu identificar os processos que significaram essas categorias localmente. O documentário realizado se tornou um fundamental campo de batalha, onde a dimensão polifônica da narrativa permitiu destacar os conflitos e as tensões que os atores envolvidos manifestaram publicamente. Do ponto de vista linguístico, o trabalho é focado nas narrativas que vários atores, que moram ou moraram na Barra da Lagoa, propõem para descrever a trajetória do protagonista. O falecimento dele, que aconteceu em 2010, foi o evento que destacou a necessidade de tornar esse fato um evento conjuntural. O documentário se torna nesse processo um objeto mitogênico, revelando narrativas etnohistóricas fundamentais.

A maioria dos atores envolvidos se apropriaram da câmera, destacando a urgência de narrar o próprio ponto de vista sobre a história do professor Neto. Uma ex-aluna, lembrando-o como um dos professores mais influentes da sua formação escolar, destacou a sua proposta educativa. Neto foi um estudioso e seguidor da obra e da militância de Paulo Freire (2013) e adotava um método pedagógico baseado no reconhecimento da cultura dos alunos e, em consequência, da cultura local. Na época da ditadura militar no Brasil, o objetivo do trabalho de Neto era ensinar aos jovens homens e mulheres a se empenharem “na luta por sua liberação” (Freire, 2013, p. 55). A Pedagogia Freiriana, além da sua dimensão política, está baseada na quebra da relação vertical professor – aluno. As pessoas envolvidas na relação pedagógica, então, poderiam ser consideradas pares. Como destaca a ex-aluna, Neto “aceitava ser corrigido pelos alunos” e gostava de “aplicar as coisas que ele ensinava” (Godio, Vailati, 2014).

Uma ampla documentação fotográfica, encontrada nas gavetas dos amigos dele, mostra Neto ensinando as crianças a ler e escrever nas areias da praia. Calunga, um mestre de Capoeira, já professor de Educação Física na escola da

Barra, chegou ali na mesma época em que Neto chegou. A colaboração deles teve uma primeira consequência importante, a construção da Associação de Pequenos Pescadores e Rendeiras da Barra da Lagoa, uma das primeiras experiências associativas de pescadores da Barra num contexto onde a pesca era controlada por grupos oligárquicos ligado aos poderes locais e ao Estado⁴. Calunga bem descreve a reação de muitos nativos às ações de Neto: “Não era uma coisa fácil de ser aceita. A praia era um lugar de peixaria, de trabalho. Ensinar na praia era uma revolução” (Godio, Vailati, 2014). Nestas palavras emergem as rupturas praticadas por Neto na comunidade da Barra, onde o ensino virou um meio para ressignificação dos espaços sociais.

Durante os primeiros anos como docente na Barra da Lagoa, Neto criou o projeto de um Coral para alunos da escola. Por meio da música proporcionou a circulação dos seus alunos, para conhecer e “sentir” outros lugares da Ilha. Além disso, o Coral foi também uma ferramenta para revalorizar músicas e desempenhos locais que, como descreve o doutor Nado Gonçalves, o educador e ativista cultural da Barra resgatou da comunidade que “já tinha deixado para trás para adotar a retórica do progresso” (Godio, Vailati, 2014).

Nesta trajetória, quase que a totalidade dos atores entrevistados destacam o já citado momento da abertura do canal da Barra como marcante. Ele, ainda recém-chegado na Barra da Lagoa, foi um dos poucos opositores declarados à abertura definitiva do canal. Essa oposição, que foi ignorada no momento da realização da obra, é também hoje criticada, no sentido de que o canal é quase universalmente percebido pelos moradores como uma obra que deu continuidade à pesca no local, uma vez que permitia a entrada e saída diária dos botes a motor sem depender da maré. Continuidade que claramente teve um impacto fortemente negativo sobre o ecossistema da lagoa, constituindo o primeiro passo para a construção do “problema” ambiental.

Depois dessa conjuntura, o posicionamento político dele, que implicitamente quebrava as dinâmicas comunitárias baseadas em regras mais autoritárias, assim como a ressonância dos seus projetos educativos, criaram, na Barra da Lagoa, sentimentos ambíguos dos moradores para com Neto. O radicalismo da proposta de Neto foi também além do pragmatismo político: na época pós-ditadura, a prefeitura ofereceu para Neto a direção da escola da Barra. Ele não aceitou a proposta e, como reporta o doutor Gonçalves, pediu uma eleição direta. Nessa eleição “Neto perdeu, deixando a presidência a uma figura

⁴ É bom lembrar a trajetória de Paulo Steward Wright, político e ativista, que desapareceu nos anos setenta. Ele tentou organizar os pescadores do litoral catarinense em cooperativas, projeto político que foi sabotado em âmbito estadual e local. Vison Steffen participou na gravação do filme PSW; uma crônica de subversão (Halm, Campos, 1987) gravada nos anos oitenta, sobre a vida de Paulo Wright.

mais conservadora e autoritária” (Godio, Vailati, 2014). Uma das consequências disso, como reportaram muitos amigos e colaboradores, foi uma “persecução política” na Barra da Lagoa, que afetou, além do seu trabalho, a sua vida pessoal. Após uma crise que deixou ainda mais problemática a sua dependência do álcool, ele começa a se afastar da prática educativa e política.

Em relação à última década da vida dele, as narrativas dos atores claramente destacam a ambiguidade do posicionamento de Neto. Em reação a praticas sempre mais voltadas à criação de pequenos empreendimentos turísticos, ele decidiu tornar a sua própria casa um lugar de acolhimento e passagem de pessoas que circulavam ali. Ele retirou as portas e as janelas da própria casa, desligou o fornecimento de água e eletricidade. Essas ações foram percebidas pelos moradores mais conservadores como resultado de uma perturbação pessoal. Todavia, isso claramente se inscreve numa trajetória de significação do espaço e de reivindicação de uma ação política.

Neto foi a expressão local de um fenômeno característico na disputa pelas identidades territoriais. Ele foi objeto, no final da sua trajetória, como aconteceu com outras “pessoas de fora” que tentaram transformar construções localmente reconhecidas, de uma representação negativa acerca das atribuições de certos desvalores, comportamentos e estereótipos vinculados como a imoralidade, a indisciplina, a anomia e sujidade ou impureza (Elias, Scotson, 2000). É impactante perceber o quanto a imagem de Neto ficou coisificada por essa última etapa de “isolamento”, apagando sua trajetória de educador para muitos dos moradores.

Eventualmente, exprime também o caráter dinâmico dos processos de estigmatização e abjetização, uma vez que denota que a capacidade de estigmatizar de um grupo social está em função do poder e do grau de coesão interna que apresenta num momento ou numa conjuntura dada, e que o equilíbrio de poder entre esse grupo e outro pode se alterar e modificar. O “naufrágio” do projeto político educativo encarnado por Neto coincide com o processo de reterritorialização material e simbólica atualizado nesse local específico, primeiramente, pela criação do “canal da barra”, segundo, pela naturalização do conceito “açorianidade” mencionado anteriormente.

Reconfigurando o meio ambiente

Voltando ao ponto de partida deste percurso, podemos sublinhar como os três trânsitos evidenciam um panorama muito heterogêneo sobre a relação entre migrações e meio ambiente. No caso da Costa da Lagoa encontramos processos etnogenéticos, onde o local estruturalmente é reconfigurado através da introdução da ideia de meio ambiente. Transitando para o centrinho percebemos

como a dimensão heteronômica do meio ambiente se territorializa nos sujeitos, de fora e nativos. Consequentemente encontramos dinâmicas fundamentadas em processos opositivos mais radicais. Chegando na Barra da Lagoa percebemos como a presença de sujeitos de fora foi fundamental para territorializar a ideia de problema ambiental, amplamente instrumentalizada pelos poderes políticos e econômicos contemporâneos. As dinâmicas abjetivas que evidenciamos são parte desta estrutura onde as disputas pelo poder destituem a relevância de um debate sobre o meio ambiente, mas, ao mesmo tempo, evidenciam as suas enormes possibilidades, em sentido desenvolvimentista.

Esses três trânsitos mostram também como o meio ambiente e a sua preservação são categorias fundamentais para entender a relação entre migrantes com elevado capital cultural e nativos da Lagoa. Se os três casos mostram um panorama heterogêneo, um *leitmotiv* desse movimento foi a afirmação da educação ambiental e o resgate de tradições que, já naquela época, começavam a ser “deixadas de lado”, desvalorizadas, ou, pior ainda, coisificadas na paisagem natural da ilha pela retórica da modernização.

Essas duas linhas foram totalmente absorvidas nas práticas do ativismo político e cultural, do qual o caso do Professor Neto, se constituiu como um modelo primordial. A preservação da natureza é uma palavra-chave, literalmente uma *buzzword* da vida política institucional local. Na maioria das vezes utilizada para gerar consenso político, a ideia de preservação parece estar muito longe das práticas concretas das elites políticas ou econômicas da ilha. Porém, essa mesma ideia de preservação é a categoria que mais mobiliza e estimula uma certa participação política dos muitos residentes, de fora e nativos, nos assuntos comuns. Similarmente, o resgate das tradições é um objeto fortemente utilizado na comunicação publicitária da Ilha de Santa Catarina, em particular em relação ao turismo. A açorianidade em particular, categoria identitária ligada às conexões com um passado mais ou menos remoto e com a natureza, é utilizada amplamente para descrever a “cultura” dos nativos da Ilha com finalidade comercial. Essa cultura, que geralmente é resultado de forte miscigenação de várias migrações e influências, é baseada no resgate de objetos culturais que continua dando coerência a certas práticas nativas.

Olhando a contemporaneidade, parece que a herança dessas ideias, cujos pioneiros foram alguns dos migrantes que moraram na bacia da Lagoa, continua hoje muito presente no imaginário local e influência amplamente tanto a vida cotidiana dos nativos quanto as políticas públicas baseadas na valorização turística da Ilha. Se historicamente, na literatura, o estudo das migrações é ainda muito focado na circulação de pessoas de baixo capital, nessas histórias locais podemos encontrar casos pioneiros que se contextualizam perfeitamente na literatura contemporânea que analisa como fenômeno de circulação de

“cérebros” (Stark 2004; Xiang 2001; Zweig, Siu Fung, Han 2008) hoje em uma dimensão global.

Além desta conclusão teórica, podemos pensar na relação entre ativismo social e pesquisa, tema primordial para as ciências sociais e para a antropologia (Strathern, 1988). A dialética entre a inclusão dessas pessoas de fora em um projeto social e a exclusão deles da vida dos nativos descreve com precisão alguns desafios dos pesquisadores que trabalham na compreensão dos processos de transformação da Ilha de Santa Catarina. A pesquisa etnohistórica sobre as migrações aqui apresentadas é, então, uma trilha importante para esclarecer em primeiro lugar o papel transformador das migrações num contexto fortemente influenciado pelas disputas ambientais. Em segundo lugar a reflexão mobilizada permite observar qual foi o impacto que categorias, como aquela de meio ambiente, propulsionadas pelas pesquisas e pela reflexão acadêmica, tiveram em específicos contextos. Ambas ações são relevantes no âmbito global e permitem refletir, a partir de dados informados pela pesquisa de campo, sobre processos que reconfiguram a relação entre processos coloniais e decoloniais.

Bibliografia

- ANTUNES DA LUZ, Esdras. *Na reversa do vento, a cultura náutica da Costa da Lagoa - Florianópolis/SC. Dissertação (mestrado)*. Florianópolis, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2014.
- ARANGO, Joaquín. “Explaining migration, a critical view”. *International social science journal*, , 52, 165, 2000. (283-296).
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. Tese de doutorado*. Campinas, Universidade Federal de Campinas, 2004.
- BARTH, Friedrich. *Ethnic groups and boundaries. The social organization of culture difference*. Oslo, Universitetsforlaget.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito : estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1964.
- CASTLES, Stephen. *Ethnicity and Globalization: From Migrant Worker to Transnational Citizen*. London, Sage Publications, 2000.
- CASTLES, Stephen. “Understanding global migration: A social transformation perspective”. *Journal of ethnic and migration studies*, 36.10, 2010. (1565-1586).
- CASTLES, Stephen; MILLER, Mark. *The Age of Migration*. London, Macmillan, 1993.
- COELHO DE SOUZA LAGO, Mara. *Modos de vida e identidade. Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1996.

- CUNHA, Lucia H. O. de. "O mundo costeiro: temporalidades territorialidades, saberes, alternativas". *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 20, 2009. (59-67).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, Ed. 34, 1981.
- DIEGUES, Antônio C. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo, Ática, 1993.
- DIEGUES, Antônio C. "A sócio-anthropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil". *Etnografica*, 2, 2, 1999. (361-375).
- DURHAM, Eunice. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1973.
- ELIAS, Norbert, SCOTSON, Johnson. *Os estabelecidos e os outsiders*. J. Zahar, Rio de Janeiro, 2000.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. "Reinventando a localidade: globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais". *Horizontes Antropológicos*, 15.31, 2009. (19-50).
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2013.
- GIMENO, Silvia. *O destino viaja de barco: Um estudo histórico, político e social da Costa da Lagoa e de seu processo de Modernização (1930-1990)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.
- GODIO, Matias. "O rancho e o bote. Micropolíticas das tecnologias e das sustentabilidades entre os trabalhadores da pesca na ilha de Santa Catarina". *Amazônica - Revista de Antropologia*, 4, 2, 2012. (314-334).
- HALLAM, Elizabeth, INGOLD, Tim. *Creativity and Cultural Improvisation*. Oxford, Berg, 2017.
- HARVEY, David. *La condición de la posmodernidad. Investigación sobre los orígenes del cambio cultural*. Buenos Aires, Amorrortu, 1998.
- INGOLD, Tim. *The perception of the environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. London, Routledge, 2000.
- LACERDA, Eugenio. *O Atlântico Azoriano. Uma antropologia dos contextos globais e locais da azorianidade. Tese de doutorado em Antropologia Social*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- LOPES, José Sérgio Leite. "Sobre processos de "ambientalização" dos conflitos sociais e sobre dilemas de participação". *Horizontes Antropológicos*, 25, 12, 2006. (31-64).
- PEREIRA BARBOSA, Teresa. *Ecolagoa. Um breve documento sobre a Ecologia da Bacia Hidrográfica da Lagoa da Conceição*, Florianópolis, Gráfica Agnus, 2003.
- RIAL, Carmen, GODIO, Matias (Org.). *Pesca e Turismo. Etnografias da globalização no litoral do Atlântico Sul*. Florianópolis: NUPPE/CFH/UFSC, 2006.

- RIAL, Carmen. *Mar-de-dentro. A transformação do Espaço Social na Lagoa da Conceição. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1988.
- SAHLINS, Marshall. *História e Cultura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2009.
- SCOTT, Parry. *Migrações interregionais e estratégia doméstica: Nordestinos, mobilidade e a casa até os anos 1980*, Recife, EdUFPE, 2014.
- STARK, O. "Rethinking the Brain Drain." *World Development*, 32, 1, 2004. (15–22).
- STRATHERN, Marilyn. *The gender of the gift. Problems with Women and Problems with Society in Melanesia*. Berkley, University of California Press, 1988.
- VAILATI, Alex, RIAL, Carmen (Org.). *Migration of Rich Immigrants. Gender, ethnicity and class*. New York, Palgrave Macmillan, 2016.
- VAILATI, Alex. "O documentário Social". In VAILATI, Alex, GODIO, Matias, RIAL, Carmen. 2016. *Antropologia Audiovisual na Prática*. Florianópolis, Cultura e Barbarie, 2016. (53-81).
- VELHO, Gilberto Cardoso Alves. *Nobres & anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998.
- WAGNER, Roy. *The invention of culture*. Chicago, University of Chicago Press, 1981.
- XIANG, Biao; LINDQUIST, Johan. "Migration infrastructure". *International Migration Review*. 48,1, 2014. (122-148).
- XIANG, B. "Structuration of Indian Information Technology Professionals Migration to Australia: An Ethnographic Study". *International Migration*, 39, 2001. (73–88).
- ZWEIG, D., C.; SIU FUNG, and D.C.; HAN, D. "Redefining the Brain Drain: China's Diaspora Option.". *Science Technology & Society*, 13, 1, 2008. (1–33).

Filmes

- GODIO M.; VAILATI, A., *Naufração*, Brasil, 2014.
- HALM, P.; CAMPOS, L. A. D. *Psw - Uma Crônica Subversiva*, Brasil, 1987.
- MARSHALL, J. *A Kalahari Family. Death by myth*, United States, 2009.

Alex Vailati é professor no Departamento de Antropologia e Museologia e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. É coordenador do Laboratório de Antropologia Visual da mesma instituição.

Contato: alexvailati@gmail.com).

Matias Godio é professor e pesquisador da Universidad Nacional de Tres de Febrero e integra o Núcleo de Antropologia Visual e Estudo das Imagens da UFSC

Contato: matiasgodio@gmail.com

Recebido: 21/01/2020

Aceito: 05/06/2020